

Obra e Imagem Desmitificadas

Maria Eugenia Boaventura

Vários críticos e estudiosos da literatura portuguesa do porte de Mário Cesariny, Pedro da Silveira, José Bento e Alfredo Margarido apontaram problemas diferentes nas várias edições do único livro de poemas de Camilo Pessanha (1867-1926). Portanto, mais que oportuno o lançamento da edição crítica da *Clepsydra*, organizada por Paulo Franchetti e publicada pela Ed. da Unicamp. Aliás, essa iniciativa editorial coloca em circulação no Brasil a obra de um poeta simbolista importante, muito lido por Pessoa e seus companheiros da revista *Orpheu*, no início do século, inclusive pelo nosso penumbista - Ronald de Carvalho - , cuja obra hoje está colocada de escanteio.

Destaco ainda nesta edição a qualidade da pesquisa, em busca do texto mais próximo de sua composição autêntica e em conseqüência mais adequado à concepção poética camiliana expressa em correspondência a outros escritores. Configuração essa determinada criteriosamente e que será objeto de discussão.

Como se trata de edição crítica de uma obra cujas publicações têm sido bastante polêmicas no que diz respeito à fidelidade textual, vou limitar-me a comentar os percalços enfrentados pelo organizador, durante a recolha dos poemas, ao se deparar com um *corpus* documental muito disparatado, e deixar de lado a análise de uma produção pequena, porém de dicção incrivelmente moderna, desse inusitado simbolista, agora restituída ao público brasileiro e português, em edições separadas.

É curioso como uma obra composta de pouco mais de meia centena de textos tenha tido uma carreira editorial tão atribulada e seus organizadores não tenham estabelecido uma vez por todas a redação definitiva. Na Introdução o pesquisador descreve à exaustão o conjunto de fontes e de testemunhos manipulados no estabelecimento dos textos e o arrolamento dos critérios usados na hora de adotar essa ou aquela lição, dada a existência de outras edições anteriores, reunindo conturbadamente muitos dos poemas apresentados: a de 1920 organizada por Ana de Castro Osório (por sinal a única feita em vida do poeta); e a segunda edição ampliada (1945), de iniciativa do filho de Ana, João de Castro Osório, republicada em 1959 e dez anos depois, 1969. A partir dessa última edição surgem outras duas: a de Bárbara Spaggiari em 1983 e a de Antônio Quadros de 1988.

Paulo mostra detalhadamente como as edições Osórios realizaram intervenções abusivas bastante comprometedoras no texto camiliano, tais como: 1. normalização da métrica de Pessanha; 2. eliminação de cacófatos; mudança na pontuação; 3. acréscimo ou supressão de poemas. Daí porque a minúcia com que é apresentada a história e a evolução intrincadas dessas obras, delineando a origem (provável e/ou certa) de todas as poesias. E comenta inclusive os critérios discutíveis usados para até então conhecida forma de apresentação e seqüência dos poemas. Chega a conclusão de que as informações comumente atribuídas a Camilo Pessanha, no que diz respeito à origem e à organização da sua obra, não correspondem àquelas pregadas pelo poeta em cartas a amigos. A imagem que a primeira Osório divulgava desse simbolista era a de uma pessoa avessa à tradição de escrever seus versos, e a de que preferia ditá-los. E assim teria feito à responsável pela primeira publicação da *Clepsydra* (1920), lançada ainda em vida do poeta. Todavia, a documentação levantada e analisada por Franchetti não confirma essa lenda. A realidade destacada é outra: Pessanha publicava e muito em jornais e revistas, além de distribuir seus textos originais generosamente a companheiros.

Com base no exame dos autógrafos existentes e muitos deles utilizados por José Osório, observa manipulação de fatos e conclui que muitas das suas declarações não são confiáveis, principalmente sobre detalhes envolvendo manuscritos desconhecidos pelo resto do mundo. Faz questão, entretanto, de destacar a contribuição dos Osórios no sentido de divulgar a obra camiliana, ainda que incorretamente. A partir das investigações efetuadas, Paulo propõe uma nova organização para a *Clepsydra*, incluindo todos os poemas conhecidos e recuperáveis até o momento da conclusão de seu livro, divulgados ou não na primeira edição. Sua ordenação respeitou as indicações de seqüência feitas pelo poeta e na ausência delas adotou a cronologia da composição ou da publicação. Em caso de data coincidente seguiu a ordem alfabética de título ou de primeiro verso. Recuperou a forma inicial dos poemas ou as correções realizadas pelo autor em cima de recortes de textos publicados na imprensa.

Considerando a peculiaridade da produção camiliana, o editor brasileiro recorreu a vários tipos de documentos. A saber: as edições da sua poesia em livro já comentadas; os manuscritos autógrafos que se encontram na Biblioteca Nacional de Lisboa; o caderno com manuscritos e recortes de poemas impressos em jornais e anotados pertencentes ao Arquivo Histórico de Macau; manuscritos dispersos; poemas publicados pelo autor em periódicos; textos editados a partir de documentos, cujo paradeiro é hoje ignorado. Dentre estas fontes, o novo editor escolheu os manuscritos autógrafos e os textos corrigidos por Pessanha como lição base para sua edição crítica.

Ao final da leitura dessa *Clepsydra* fica consolidada a suspeita de que durante muitos anos se propagou uma imagem mitificada do poeta e cultivou-se uma obra em vários aspectos muito destoante da fatura original. O grande mérito deste novo livro é justamente restaurar a escritura camiliana daquela verdadeiramente criada pelo poeta ou cultivada pelo inspirador dos modernistas de *Orpheu*. Em particular, destacaria a recuperação do desenho antigo de poemas antológicos tais como: “São Gabriel” e “Violoncelo”.

Ressalvaríamos alguns detalhes que poderiam ser melhorados nos próximos lançamentos sob o selo da Editora da UNICAMP. Atualmente, graças ao desempenho do seu diretor, o catálogo vem sendo enriquecido com títulos de categoria. Todavia, paralelamente a esta postura, deveria ser aprimorada a qualidade gráfica dos lançamentos e cuidada agressivamente a divulgação, aliando custo, criatividade e resultado. No caso específico algumas mudanças de convenção no planejamento da diagramação e formato (utilização do grifo para títulos de obras e aumento do corpo das notas de rodapé) dariam um toque de simplicidade e de elegância.